

REDES SOCIAIS

Segurança na Internet

...um tema que nunca é demais falar...

De facto, a Internet é um milagre tecnológico, pois possibilita o acesso a milhões de informações e permite a comunicação entre pessoas do mundo inteiro através de programas como o messenger, skype, etc. Isso é maravilhoso... conectar-se na internet, ir a algum motor de busca, procurar sobre um tema e encontrar toda informação. Contudo há o reverso da medalha... Quando determinados acessos são feitos por menores... Será que os pais sabem por onde os filhos, pré-adolescentes ou adolescentes, costumam 'navegar'? Sabem os sites que eles normalmente frequentam? Sabem com quem eles se comunicam pela internet? Não... muitos dos pais não sabem... apesar de o deverem... não se preocupam em saber... Pensar que na Internet não existe perigos ou que estes só afectam os outros é adoptar uma atitude longínqua e pouco informada. Por outro lado, eleger visões alarmistas só ajuda a ocultar a realidade. Os jovens podem pensar que os pais são uns "cotas", por andarem sempre a alertar para os perigos da internet. Todavia eles só nos querem proteger, porque nos amam. Mas porque será que os jovens quase nunca ouvem os conselhos dos pais?... É simples... pensam que só acontece aos outros!... Tomar consciência dos riscos, estar informado de como os prevenir ou minimizar, orientar as actividades das crianças e adolescentes na Internet, podem ser as chaves para garantir uma utilização em segurança.

Beatriz Pimenta e Diana Meireles, 8ºC



Juliana Almeida, 9ºD

O Internetologista

Detesto que os adultos me perguntem:
"O que é que queres ser?"
Detesto que me falem lá do alto
Tão alto, que mal consigo ver.

E eu respondo-lhes:
"quero ser um internetologista,
navegar nos sites,
conhecer novos amigos,
falar no mensseger,
quero aprender a jogar
e criar uma quinta virtual com os dedos
a clicar no teclado".

E eles ficarão muito satisfeitos com o meu futuro
e eu pedirei licença para sair,
porque tenho à minha espera um novo site para curtir.

Jorge Lomba, 7ºE



As redes sociais

Venha ao facebook de Janeiro a Janeiro
Tem sempre muito pessoal no Verão, o ano inteiro
No twitter encontras os famosos, gente com muito dinheiro
Tudo aqui é bem melhor...
Ocupa tempo e faz vício
Nada é verdadeiro
Só precisas de tempo e de internet
Amigos tenho mais... que sete.

Redes sociais venha cá...

Bárbara Sousa e Eduarda Gonçalves, 7ºC

Formação - Segurança na Internet

No dia 21 de Junho, realizou-se uma acção de formação, intitulada "Segurança na Internet", na biblioteca do Agrupamento. Para desenvolver esta acção de Formação, a equipa PTE convidou o Dr. Luís Reis, da Fundação para a Divulgação das Tecnologias da Informação. Os dezasseis docentes que participaram na mesma consideraram-na esclarecedora e pertinente, uma vez que foram abordados temas muito actuais e do interesse da Comunidade Educativa.

A equipa PTE agradece a participação a todos os que estiveram presentes.

Professora Maria José Vieira Cunha

Inclusão Digital

As consequências, quer da globalização, quer da tecnologia, em termos sociais e em particular nas políticas para a Educação são motivos de interesse dos docentes actuais, já que o ensino não acontece desligado da sociedade e da sua evolução.

Sobretudo nos últimos anos, tem sido visível que os efeitos da chamada globalização conduzem a alterações profundas, enquanto causa e consequência da evolução tecnológica, alterando os modelos de organização social ao nível do económico, do trabalho, da comunicação e, inevitavelmente, das orientações educativas.

Neste momento em que as sociedades assumem a tecnologia como suporte de desenvolvimento, veiculando orientações para a massificação das TIC, em que a União Europeia (UE) encara a educação e formação como essenciais para a competitividade e coesão social, exigindo adaptação a um mundo líquido e mutável e num momento em que o conhecimento é um capital que define a diferença entre os indivíduos, faz todo sentido que a reflexão sobre a escola mereça atenção, sobretudo no que ao acesso às TIC e à capacidade de aceder a conhecimento diz respeito.

Tem sido visível uma estratégia nacional expressa através de iniciativas institucionais, que aliam tecnologia e educação, designadamente as inscritas no Plano Tecnológico e no Plano Tecnológico da Educação. É importante a reflexão pedagógica acerca das consequências da globalização ao nível da comunicação e também da comunicação educativa, assim como na relação individual com a tecnologia e conhecimento: com a forma como, o quê e onde se aprende.

Encarando-se as TIC e a literacia digital como fundamentais numa educação para o século XXI, o factor inclusão/divisão digital torna-se um tema essencial de reflexão. É também essencial a reflexão sobre a relação dos jovens com as TIC e uma leitura crítica sobre o papel da escola: se o de democratização e nivelamento do acesso, ou se, pelo contrário, ao ignorar divisões no acesso às TIC em ambiente informal e desvalorizando as aprendizagens que aí ocorrem, a escola tem um papel amplificador de divisões no acesso ao conhecimento, ao legitimá-las através de um modelo educativo que avalia, na prática, produtos.

Quer em termos organizacionais, sociais ou educativos, as TIC encerram em si, quando utilizadas em posse de um conjunto de capacidades designadas de literacia digital, acesso a oportunidades, facilitadoras da aquisição de um conjunto de saberes e competências, passíveis não só de favorecer o conhecimento escolar, como, no geral, ao desenvolvimento dessa literacia digital que poderá proporcionar acesso a novas oportunidades e fomentar a construção de conhecimento significativo, numa perspectiva socioconstrutivista da educação.

A essa aquisição dos saberes necessários para a apropriação de recursos e competências, que facilitem acesso a conhecimento, é designada de literacia e a essa movimentação comunicativa na procura de saber e a utilização intencional das TIC nessa procura, aliada ao uso flexível de uma heterogeneidade de recursos disponíveis, no sentido de facilitadores de conhecimento, de forma criativa, designamos de cibercultura.

Não obstante as políticas impulsionadoras da integração das TIC em ambiente educativo, é evidente o “caso de amor” entre os jovens e as novas tecnologias, em especial a tecnologia móvel. Desta relação pode resultar algo a que Prensky chama de “nativos digitais”, por oposição a “imigrantes digitais”, referindo-se à relação de diferentes gerações com as tecnologias, embora podendo correr o risco de ser uma leitura demasiado superficial, uma vez que a destreza com a tecnologia pode não significar uma efectiva literacia digital, mas apenas habilidade técnica.

Também, essa afinidade nem sempre é linear, uma vez que há dois factores fundamentais que exercem influência nesta relação dos jovens com a Tecnologia. Um é o factor socioeconómico relacionado com o acesso aos meios (divisão digital primária). O outro factor tem a ver com o acesso aos meios e os contextos, quer se trate do escolar ou de contextos extra-escolares (divisão digital secundária / qualidade de acesso).

Nesta reflexão interessa analisar o contributo da escola para a inclusão digital, nomeadamente através de uma análise das vivências tecnológicas diárias em contexto formal (escolar), mas também do informal (familiar e outros espaços), expressa através dos usos, competências e valorização dos meios pelos jovens numa perspectiva da sua literacia digital.

Um estudo de 2009 de uma amostra de jovens de 3º ciclo do Agrupamento de Escolas de Pico de Regalados, bem como do respectivo ambiente familiar em TIC indicava existir profundas desigualdades a nível do contexto familiar e que, neste cenário assimétrico, a Escola assumiu-se efectivamente como factor de inclusão digital, possibilitando o acesso à Internet a jovens que, de outra forma, dificilmente teriam essa possibilidade.

Esta conclusão revelou-se de facto fundamental, assumindo-se a escola como elemento de democratização efectiva, limitando a divisão digital existente no momento. Essa inclusão torna-se essencial na medida em que vivemos na Sociedade da Informação e Comunicação e ter acesso às tecnologias e saber fazer um bom uso das mesmas é fonte de poder e possibilidade de desenvolver competências participativas num mundo cada vez mais globalizado.

O papel da escola nunca foi, nem pode ser, no momento actual, estático. Um dos principais papéis da escola passa por saber integrar curricularmente as TIC, promovendo o desenvolvimento pleno da literacia digital. A tecnologia assume-se enquanto instrumento e estratégia educativa, competindo à escola uma permanente adaptação no sentido de dotar alunos e professores de um conjunto de competências digitais efectivamente úteis, passíveis de fomentar uma aprendizagem mais activa, mais construtiva, menos linear, mais partilhada e mais flexível. A tecnologia educativa não pode ser encarada enquanto acessório decorativo de “modernidade”, mas sim, enquanto fomentadora de aprendizagens activas e construtivas. Um ensino/aprendizagem também de literacia digital, minimizadora de riscos e promotora de acesso a oportunidades na construção de conhecimento e participação cívica enquanto alunos, mas sobretudo, enquanto cidadãos.

Professora Maria da Graça Pereira